VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

A NATUREZA DO TEMPO EM GERMINAL

Rilton Ferreira Borges*

A relação dos indivíduos com o tempo, como concordam diversos autores[1], é uma construção histórica feita a partir das relações entre os seres humanos e suas atividades. A partir destas relações podemos delimitar algumas formas de se compreender o tempo, as quais chamaremos aqui de "natureza do tempo". Esta "natureza" diz respeito às maneiras como o tempo é representado, compreendido e vivido na sociedade. Partiremos, aqui, do pressuposto de que além das diferentes concepções de tempo existentes em diferentes culturas, há também diferentes concepções de tempo dentro de uma mesma cultura, que aqui delimitaremos como a cultura industrial europeia da segunda metade do século XIX. Pensando no caso específico de *Germinal*, lidaremos tanto com os recursos narrativos que expressam temporalidade quanto com as descrições das ações das personagens para compreender algumas das concepções de tempo presentes na obra. Para isso, teremos como referência a proposta que Ginzburg apresenta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores (GINZBURG, 1989, p. 149). Para Morelli, médico italiano criador de um método de atribuição de autoria de obras, esses dados marginais eram reveladores porque constituíam momentos em que o controle do artista, ligado à tradição cultural, distendia-se para dar lugar a traços puramente individuais. Neste ponto podemos identificar um

* Mestre em História pela UNIFESP e professor da rede municipal de São Paulo

[1] Cf. KERN, ELIAS, THOMPSON, WHITROW e GALISON.

paralelo com a ideia de consciente e inconsciente e trabalhar a partir de "pistas": mais precisamente, sintomas (se pensarmos como Freud), indícios (se usarmos a terminologia de Sherlock Holmes) e signos pictóricos (para Morelli) (GINZBURG, 1989, p. 150).

Quanto à natureza do tempo, um importante debate se dava entre aqueles que acreditavam numa natureza atomística do tempo, ou seja, o tempo como sucessão de instantes isolados, e aqueles que acreditavam na natureza fluída do tempo. Newton pensava o tempo como uma soma de partes infinitesimalmente pequenas; antes dos relógios atuais, com seu movimento contínuo, não havia qualquer modelo para se pensar o tempo como uma continuidade (KERN, 2003, p. 20). Na década de 1870, os pioneiros do cinema contribuíram para esta visão atomizada do tempo ao reproduzir o movimento a partir de sequências de imagens estáticas (KERN, 2003, p. 21), criando a sensação de que o movimento era divisível e, portanto, o tempo também era. Hannah Arendt (2004, p. 162), por sua vez, entende que com a modernidade o processo de manufatura transformou-se em um processo contínuo, ao contrário da divisão em etapas de períodos anteriores, o que, podemos concluir, leva a uma concepção mais fluida do tempo. Esta noção nos dá elementos para aproximarmos a representação do trabalho em *Germinal* dos debates elencados por Kern. Usando conjuntamente o pensamento de Arendt, podemos identificar a Natureza como contendo processos cíclicos, nos quais produto e processo que a ele levam se confundem. No "fazer" humano existe uma separação total entre o processo e o produto final (ARENDT, 2004, p. 163).

Ainda no início do romance há um momento bastante interessante, quando o velho Bonnemort (Boa-Morte) descreve seus 50 anos de trabalho na mina, função por função, do fundo à superfície. Ao descrever cada atividade e como estas atividades são adequadas a certa idade, Boa-Morte nos leva a uma primeira noção de tempo bastante vinculada à mina de carvão, na qual a vida humana é uma linha reta em que o trabalhador passa de função em função, da infância à velhice, sem repeti-las, porém do ponto de vista daquela sociedade, há ciclos que se repetem e estão previamente determinados, de modo que cada função seja ocupada pelo mesmo grupo social ao longo das décadas.

É interessante notar como a relação com a mina é marcante no que diz respeito às noções de vida e morte entre os mineiros: só se chega à superfície morto ou debilitado. Interessante perceber que esta concepção da mina como um monstro é muito semelhante àquela que Thompson identifica como sendo construída desde o século XIV para a noção de tempo, como devorador, sangrento, ceifeiro e tirano (THOMPSON, 1998, p. 268). A

mina, para os mineiros, em grande parte se confundia com o tempo, pois era anterior a eles e tendia a se perpetuar para além deles. Pensando segundo Arendt (2004, p. 158), os mineiros tomam parte de um processo no qual a distinção entre meios e fins não faz sentido. Podemos concluir que o *animal laborans* vive em um processo cíclico, que seria também o meio em que os trabalhadores da mina estão inseridos. Esta concepção cíclica de tempo é a primeira com a qual tomamos contato em *Germinal*. De modo complementar, podemos compreender que o tempo, dentro desta descrição, é composto por certa fluidez, pois não há rompimentos claros entre o passado e o presente.

Ainda no início do romance, Étienne pergunta sobre a mina, a Companhia e seus donos, colhendo todas as informações possíveis. Como elemento externo, o jovem recém-chegado à região ajuda o leitor, também novo neste ambiente, a compreender este novo mundo que está sendo conhecido. E, por ser originalmente um maquinista e conhecedor de algumas ideias revolucionárias, tem também uma concepção de tempo diferente daquela presente entre os trabalhadores da mina de carvão.

Além da relação entre a idade e a capacidade de produção, esta passagem também começa a delinear um traço da personalidade de Maheu que Zola tenta estender aos demais mineiros: o conformismo. Frente a uma concepção cíclica de tempo, na qual não há possibilidade aparente de mudança, a atitude de Maheu, que representa a da maioria dos mineiros, tende ao conformismo, pois qualquer esforço para mudar a realidade seria um gasto inútil de energia. Entre os mineiros, a princípio, a submissão às condições de trabalho impostas eram a fonte de segurança para suas vidas. A ameaça da inanição era um atrativo maior para um mercado de trabalho atuante do que os salários altos (POLANYI, 2012, p. 185). O padrão de mercado, que regula salários e relações de trabalho, leva a sociedade a ser dirigida como um acessório do mercado, ao invés do mercado se incluir nas relações sociais. É isto que se quer dizer quando se afirma que a economia de mercado só pode funcionar em uma sociedade de mercado. “Na verdade, foi crucial o passo que transformou mercados isolados numa economia de mercado, mercados reguláveis num mercado autorregulável” (POLANYI, 2012, p. 60). O século XIX imaginava este fato como uma consequência natural da difusão dos mercados, não se percebendo os “estimulantes altamente artificiais administrados ao corpo social” (POLANYI, 2012, p. 60).

A instabilidade econômica da França e o risco de perder a única fonte de subsistência eram fatores importantes para explicar este pensamento, mas o peso de uma

concepção de tempo, vida e sociedade na qual tudo tende a permanecer como está e não há perspectiva de mudança talvez explique melhor esta tendência à submissão: por que se revoltar se não é possível mudar nada? A conformação, portanto, figura como a alternativa mais prudente e racional. Por outro lado Étienne, o elemento externo, acabou trazendo à vila uma nova concepção de tempo, na qual os trabalhadores eram fundamentalmente os principais agentes de sua própria história e, portanto, capazes de realizar mudanças. O jovem havia chegado àquela vila após ser demitido de seu emprego como maquinista ao agredir seu contramestre. Ao ouvir este relato de Étienne, Catherine, outro claro exemplo de submissão[2], ficou bastante chocada: em sua visão de mundo, a agressão a um superior era algo absurdo, praticamente contrário à natureza.

Após o casamento de Zacharie, Étienne se mudou para a casa dos Maheu, onde sentia-se melhor instalado e passou a contar com os "serviços" da mãe da família, que costurava, lavava, arrumava, cozinhava, etc. Com isso, Étienne estava mais confortável para trabalhar em suas ideias:

> Havia uma série de perguntas a ser respondidas: por que alguns eram tão pobres e outros tão ricos? Por que os ricos exploravam os pobres, que nunca tinham vez? (ZOLA, 1885, p. 57)

Zola usa Étienne para dar voz a algumas de suas próprias reflexões. Estas perguntas feitas pelo jovem sintetizam algumas das questões que permeiam *Germinal* como um todo. Para esta reflexão Zola mobiliza o repertório político com o qual teve contato em sua época. Para tentar solucionar suas inquietações, Étienne (e, provavelmente, o próprio Zola) passou a estudar com afinco. Encomendou alguns livros, outros tomou emprestado de Suvarin, seu companheiro russo que tinha o anarquismo como modelo. Zola faz a seguinte descrição:

> Étienne vivia indignado, como todo aquele que se inicia na política. Em seu pensamento, misturavam-se as reivindicações práticas de Rasseneur com as ideias destruidoras de Suvarin. Agora, dormia-se meia hora mais tarde na casa dos Maheu. Étienne retomava a conversa de sempre. Eles eram animais para viverem amontoados daquela forma? (ZOLA, 2000, p. 58)

As falas de Étienne causavam estranhamento, sobretudo em Boa Morte:

[2] Na seção anterior vimos como Catherine representa a submissão das mulheres aos homens no ambiente descrito por Zola.

> Entre uma frase e outra, o silêncio causava mal-estar. Só o velho Boa Morte arregalava os olhos, surpreso, porque nunca ninguém havia se preocupado com aquilo: eles nasciam no carvão, trabalhavam na mina e pronto. Agora as novas ideias enchiam os mineiros de ambição.
>
> — Não devemos nos queixar – dizia o velho. – Os chefes são sempre canalhas; mas sempre vai haver chefes, não é verdade? Não vale a pena quebrar a cabeça com essas coisas (ZOLA, 2000, p. 58).

O contexto descrito por Zola é o mesmo estudado por Mollier, em que normalmente viviam três gerações na mesma casa, sendo a primeira analfabeta, a segunda recentemente alfabetizada e a terceira já inserida em um sistema educativo relativamente eficiente e, portanto, a responsável pela transmissão da cultura (MOLLIER, 2008, p. 179). Além disso, Étienne e Boa Morte representam, respectivamente, a ruptura e a conformação. O jovem acreditava na possibilidade de transformação, vinha de fora, lia, se correspondia com outras pessoas, ao passo que o velho não via perspectiva de mudança, já havia passado toda a vida naquela situação, a mesma de seus antepassados, e via seu filho e seus netos continuarem a reproduzi-la. A mudança que Étienne entendia como possível e necessária era, para Boa-Morte, quase antinatural.

Étienne questiona a visão de mundo dos operários: agora os trabalhadores se organizam em associações, aprenderam a lutar por seus direitos; não precisam de um deus para serem felizes; um dia os burgueses trabalharão como os empregados; o trabalhador também tem o direito de gozar a vida. Maheu, até então resignado, começa a se exaltar com estas ideias. Para Étienne, "a velha sociedade estava podre, podia durar só mais alguns meses" (ZOLA, 2000, p. 60). Zola ressalta que Étienne se sentia confiante para falar na presença de pessoas ignorantes sobre coisas que ele também não compreendia bem. Falava em mudanças, mas não sabia explicar como elas aconteceriam. Misturava as diferentes ideias que lia e ouvia, concluindo uma vitória fácil, alcançando a paz, mas que talvez a força fosse necessária. Aos poucos toda a aldeia foi conquistada pelas ideias de Étienne, que acabou se transformando em secretário da Internacional e até recebia um pequeno salário para cuidar da contabilidade (ZOLA, 1885, pp. 181-193). Ainda que tivesse um número relativamente pequeno de associados, a partir da década de 1860 a Internacional influenciava os modelos de associação de trabalhadores (ELEY, 2005, p. 89) e, em alguns casos, ajudava a consolidar uma forma de pensar na qual a mudança e o rompimento com o passado eram possíveis. Podemos dizer que o pensamento político de esquerda, tanto quanto o cristianismo, tem uma concepção linear de tempo, com um fim bem determinado.

Zola tenta caracterizar Étienne como alguém que figurava entre diferentes concepções políticas, ainda que todas à esquerda. É bem verdade que o momento político vivido na Europa à época da produção de *Germinal* reunia concepções muito variadas, as quais o autor tentou reunir em suas personagens. À esquerda do espectro político estavam Rasseneur, Étienne e Suvarin; à direita estavam os burgueses donos das minas de carvão. Os trabalhadores transitam entre os diferentes espectros políticos. Segundo Eley (2005) o surgimento da esquerda e o início da concepção atual de democracia se dão ao mesmo tempo, relacionando-se mutuamente, em meados do século XIX. Este autor define a "esquerda" a partir das seguintes propostas: atitude democrática, legislativo em câmara única, judiciário eleito, supremacia do legislativo, direito de um voto para cada homem. Trabalharemos com esta definição para compreender o debate político proposto pelas personagens de *Germinal*.

Em um diálogo, Rasseneur se posiciona contra qualquer tipo de revolução, acreditando sempre nas reformas que trazem mudanças graduais e melhorias pontuais aos trabalhadores. Étienne, por sua vez, tinha ideias "amadurecidas, mas pouco claras"; Havia estudado, mas ainda misturava frases e conceitos de diferentes autores. Tinha Marx e Proudhon destacados em seu pensamento, e aqui Zola nos dá algumas pistas de como ele próprio compreendia estes pensadores.

Em seguida, Suvarin toma parte no diálogo e se entusiasma com Bakunin. Zola caracteriza Bakunin apenas como um radical, sem mais detalhes, diferente da forma como fala dos autores antes citados, dos quais faz questão de mostrar uma síntese de suas ideias principais. Bakunin é citado por Suvarin apenas como alguém capaz de destruir tudo, "o mestre; o exterminador". Étienne quer compreender por que Suvarin quer "destruir o mundo", e questiona aonde se chegaria com isso; o russo responde da seguinte forma:

> — Qualquer raciocínio sobre o futuro é criminoso, pois impede a destruição pura e atrapalha a marcha da revolução (ZOLA, 2000, p. 98).

No programa "radical" de Suvarin o futuro não pode ser planejado, pois isso seria antirrevolucionário; no programa reformista de Rasseneur, a revolução está em um futuro distante, por isso é necessário conquistar mudanças práticas e de curto prazo para se ter um presente em constante melhora; no pensamento revolucionário de Étienne, a mudança pode se dar a qualquer momento, de forma total e rápida, mas para isso é necessário planejamento das ações e se vislumbrar um futuro determinado. Esta passagem

sintetiza as visões de futuro com as quais Zola se depara em sua obra: o "caos", um "futuro presente" (preocupar-se apenas como o que pode ser mudado agora) e um futuro "utópico". Também delimita as noções de tempo presentes à esquerda do pensamento político: um tempo "revolucionário", em que há rupturas entre diferentes momentos, que pode ser caracterizado como um tempo atomizado, representado por Étienne e Suvarin; um tempo "reformista", em constante mudança, mais fluído e contínuo, representado por Rasseneur. Todos eles, porém, entendem o tempo como sendo uma linha reta com um fim específico. A esquerda, portanto, é representada com um tempo com começo, meio e fim, ainda que cada vertente confira atributos diferentes a cada estágio.

Com a crise industrial, segundo a narrativa de *Germinal*, a Companhia não queria aumentar seus estoques, por isso começou a criar situações para que pudesse suspender o trabalho em alguns dias. A respeito de um cartaz afixado ao lado do caixa, no dia do pagamento, Suvarin concluiu que a Companhia arrumaria um pretexto para diminuir os pagamentos e que, para não acumular mais carvão, talvez uma greve, que facilmente seria subjugada, seria uma solução. Rasseneur era contra a greve, especialmente porque a caixa de previdência ainda tinha um valor baixo. Étienne via na greve apenas uma oportunidade de fazer com que os mineiros aderissem à Internacional, pois com poucos recursos na caixa, necessitariam da ajuda dos trabalhadores do mundo todo. Suvarin acreditava que a greve era "uma besteira": seria mais eficaz explodir a mina. Zola era notadamente contrário às ideias de Suvarin, usando-o para mostrar uma forma de pensamento político que pretendia criticar. O anarquismo era bastante comum entre os boêmios dos anos de 1880-90, que era justamente um dos grupos que Zola combatia em seu programa Naturalista de literatura. Os anarquistas defendiam, ao mesmo tempo, valores fundamentais, como cooperação, participação direta e controle local e atitudes autoritárias de intervenção direta:

> Em vez do processo parlamentar, os sindicalistas revolucionários celebravam a ação direta de sabotagens e greves; em lugar das burocracias centrais, eles exigiam a iniciativa das bases; contras as eleições, propunham o valor revolucionário da greve geral. Na França, esse ímpeto ativista contrastava com a fraqueza partidária do socialismo eleitoral e seus sindicatos fracos (ELEY, 2005, p. 126).

Zola, em seu cotidiano, pensava de modo muito semelhante a Rasseneur, sendo mais reformista do que revolucionário. Sua experiência pessoal com a Comuna de Paris, por exemplo, ajudaria a explicar este pensamento. Eley (2003, p. 50) nos lembra que

justamente a Comuna de Paris mostrou a necessidade de métodos democráticos, ao passo que, após ela, o modelo puramente insurrecional passou a pertencer exclusivamente aos anarquistas.

Antes de começar a greve, Maheu foi escolhido pelos trabalhadores como seu porta-voz. Ele e a esposa, inicialmente, não aceitaram, temendo que ele perdesse o emprego. Étienne justificou dizendo que ele era o melhor operário da mina, o que daria mais credibilidade à fala e mostraria que a greve não era uma agitação qualquer: o conformismo de Maheu seria utilizado a serviço da ruptura.

> O velho Boa Morte, que ouvia a conversa, murmurou lentamente:
>
> — Você pode dizer o que quiser, vai ser como se não tivesse dito nada. Ah! Já vivi isso! Há quarenta anos, fomos expulsos pela polícia. Pode ser que vocês sejam recebidos hoje, mas será como falar com a parede… Eles têm dinheiro, querem que os outros se danem! (ZOLA, 2000, p. 81)

Boa-Morte coloca, neste momento, uma experiência pessoal que justifica sua visão de mundo em que a mudança é impossível. Ele, no passado, havia tentado com seus companheiros propor mudanças, mas fora "expulso pela polícia". A concepção de tempo de Boa-Morte, mais uma vez, tende à imobilidade, pois além de ver seus filhos e netos reproduzirem as condições de vida nas quais sempre viveu, via-os reproduzir também sua ação política fracassada. Mais uma vez, o esforço por mudanças aparece como um gasto inútil de energia.

Neste e em outros momentos, Étienne sonha com seu futuro e uma possível carreira política. As projeções do jovem, portanto, não se referem apenas a um possível mundo sem patrões mas, antes disso, a uma carreira de político, como poderia ser uma carreira de médico, engenheiro ou artista. Neste ponto, as aspirações pessoais se misturam com as aspirações da classe trabalhadora, apesar de que, de certa forma, ao entrar para a política Étienne deixaria de pertencer à classe trabalhadora. Estes sonhos contrastam fortemente com a falta de perspectiva dos mineiros: nada além do que a mina reserva a seus trabalhadores é almejado, ninguém deseja sair dali; a possibilidade de um pagamento justo, e depois de um mundo sem patrões passa a ser, então, o único "sonho" de todos os habitantes da vila.

Étienne começa a ver o futuro como incerto quando a caixa de previdência se esgota e os mineiros já não têm mais dinheiro ou crédito. A certeza da vitória começa a

se transformar em dúvida e a perspectiva do futuro já não mais se desenha como sendo melhor do que o presente. Temia que a Companhia realmente fosse mais forte e que sua liderança estivesse causando tristeza e miséria. Mas, ao observar a mina, se questiona:

> Enquanto os mineiros passavam fome, a Companhia ganhava milhões. Por que ela deveria vencer, naquela guerra do trabalho contra o capital? De qualquer modo, a vitória custaria muito (ZOLA, 2000, p. 92).

Mas conclui:

> Era melhor todos os moradores da aldeia morrerem juntos do que irem se acabando aos poucos, de fome e injustiça (ZOLA, 2000, p. 92).

No pensamento de Étienne, portanto, o futuro invariavelmente rompe com o passado, mesmo que o futuro seja pior: frente à possibilidade de derrota, a morte é preferível à manutenção das condições vigentes.

Após um mês de greve:

> Outra quinzena se passou. Estavam nos primeiros dias de janeiro, em pleno inverno. A miséria era cada vez maior, as aldeias mineiras agonizavam a cada hora que passava. Os quatro mil francos enviados de Londres pela Internacional não tinham dado para três dias de pão. Depois disso, não receberam mais nada. A esperança que morria deixava os ânimos abatidos. Com quem poderiam contar agora, se os seus próprios irmãos os abandonavam? Sentiam-se perdidos, isolados do mundo (ZOLA, 2000, p. 101).

O presente, mais uma vez, torna o futuro incerto. A vitória antes assegurada parece cada vez mais longe. E, para piorar, a Internacional que se constituíra em esperança torna-se, também, motivo de desolação. A Companhia seguiu intransigente e Maigrat não mais concedia crédito às mulheres. Corriam boatos de que a Companhia havia convencido alguns mineiros a voltarem ao trabalho e ameaçava demitir quem estivesse comprometido com a greve. Era necessário encontrar os traidores.

Em meio à reunião na floresta, Étienne discursa:

> — O trabalho assalariado é outra forma de escravidão. A mina deve ser do mineiro, como o mar é do pescador, como a terra é do camponês… Vocês entenderam? A mina é de vocês todos há um século, ela já foi paga com muito sangue e muita miséria! Nossa vez chegou! É a nossa vez de ter poder e riqueza!
>
> Todos o aclamaram. Uma exaltação religiosa levantava aquela multidão, na mesma esperança dos primeiros cristãos, que aguardavam o reino da justiça (ZOLA, 2000, pp. 114-115).

Étienne reivindica o passado de trabalho e sofrimento para legitimar a posse da mina pelos trabalhadores. Mas Zola, através do narrador, equipara o sentimento dos mineiros ao sentimento religioso da espera por um paraíso. Sutilmente, Zola mostra que, em sua visão, tanto o sentimento revolucionário como o sentimento religioso esperam por soluções futuras e utópicas para os problemas do presente. O presente, nestas duas perspectivas, portanto, é apenas uma preparação para um futuro glorioso que certamente virá, mas não se sabe ao certo quando. Rasseneur, por sua vez, tentou tomar a palavra e convencer os trabalhadores de que era impossível que a mina fosse dos mineiros, que era preferível ter participação nos lucros. Contudo, foi vaiado e chamado de traidor.

Ainda tratando do sentimento religioso, Zola descreve a relação entre os trabalhadores e a religião. Após um mês de greve a miséria chegou ao extremo na casa dos Maheu. As crianças saíam para pedir esmolas, os pais vendiam tudo que podiam e Alzire estava gravemente doente. Neste contexto chega à vila um novo padre, que tenta levar os operários para a missa e defende que a Igreja está do lado dos pobres e fará a justiça triunfar. A mulher de Maheu questiona se os padres não estão do lado dos burgueses, porque todos os outros padres jantavam com eles. Maheu diz que a Igreja deveria começar trazendo pão. O padre encerra o diálogo dizendo que eles devem ir à missa e Deus cuidaria do resto. Na descrição do confronto entre os grevistas e os soldados, que termina com a morte de vários trabalhadores, entre eles Maheu, aparece a figura do padre, que "bradava pela cólera de Deus contra os assassinos". Este padre falava no "extermínio da burguesia pelo fogo do céu, já que ela massacrava os trabalhadores e os miseráveis deste mundo". Através deste padre Zola mostra que havia setores na Igreja que também se colocavam ao lado dos trabalhadores e contra a burguesia e o capitalismo; entretanto, este padre foi transferido para outra localidade logo após a greve, de modo a mostrar que estas ideias não eram de todo bem-vistas por seus superiores.

O darwinismo é outra das preocupações de Zola em *Germinal*. Étienne, por ser descendente dos Rougon-Macquart, é uma das personagens utilizadas para discutir a questão da hereditariedade. O traço que o jovem carrega da família que dá título à série de Zola o predispõe ao alcoolismo, que por sua vez o torna violento. Quando Étienne conta a Catherine de sua agressão ao contramestre explica que fez isso porque havia bebido, e bêbado ficava louco.

Neste sentido, Zola busca trabalhar sobretudo com a questão da degeneração. Ao descrever as crianças, o autor representa Jeanlin, o mais novo dos filhos de Maheu com idade para trabalhar, como o líder de um "pequeno bando" formado por ele e mais duas crianças, uma menina e um menino. Ao longo do romance Jeanlin vai se mostrando um pequeno criminoso, praticamente nato. Zola volta a lidar com a "natureza" criminosa de Jeanlin ao descrever como o garoto atacou e matou uma sentinela que guardava a mina. Étienne presenciou a cena e o garoto não soube explicar o motivo de ter feito aquilo, apenas teve vontade. Zola tenta demonstrar como certas pessoas têm uma predisposição ao crime, e como o meio pode potencializar esta característica inata.

Após uma reunião que decidiu impedir o trabalho nas minas a força, uma onda de operários passou por diferentes minas e vilas, crescendo cada vez mais e interrompendo o trabalho. Uma cantina foi invadida e saqueada, mas pouco alimento foi encontrado além de bebida, que foi distribuída entre os trabalhadores. Étienne, embriagado, passou a incitar a destruição que antes tentava conter. Zola lembra, aqui, o fato de Étienne ser "filho de alcoólatras" e carregar consigo um traço de degenerescência herdado dos Rougon-Macquart. Mas não apenas Étienne é "degenerado" por hereditariedade: a multidão de trabalhadores também está degenerada devido às condições degradantes as quais está submetida.

No final do romance, durante a fuga da mina após um desabamento causado pela sabotagem de Suvarin, Étienne e Catherine se viram presos junto com Chaval, e os dois homens mais uma vez se enfrentaram, desta vez com Étienne desferindo um golpe que matou o oponente:

> Ficou arrepiado com o assassinato, mas no fundo sentiu orgulho, o orgulho do mais forte (ZOLA, 2000, p. 220).

Uma leve alusão ao Darwinismo está presente nesta frase: Étienne, mesmo sendo fisicamente mais fraco, era "mais apto" e, em algum momento, derrotaria Chaval, cuja índole era má.

Zola também tenta incorporar o pensamento de Darwin ao debate político:

> No momento, Étienne estava empolgado com Darwin. Tinha lido textos resumidos, em linguagem popular, e com base nessa leitura formou uma ideia revolucionária da luta pela existência, os pobres comendo os ricos, o povo forte devorando a fraca burguesia. Suvarin era contra os socialistas que aceitavam Darwin, que era bom apenas para os aristocratas (ZOLA, 2000, p. 188).

Étienne teve contato com Darwin através de textos simplificados, como a maioria dos trabalhadores tinha acesso aos textos científicos da época. Com base nessas leituras formulou sua interpretação das ideias de Darwin. Sobre o histórico das relações entre marxismo e darwinismo, podemos citar Eley:

> Sob dois aspectos esse legado foi alterado na passagem de Marx para o marxismo. O primeiro foi a bifurcação dos movimentos operários nos ramos político e industrial. Como cada um passou a perseguir seus próprios fins reformistas, a luta unificada pela emancipação dos trabalhadores concebida por Marx se desintegrou. Outros compromissos de Marx com formas participativas de democracia direta também se perderam, tornando quase completamente parlamentares na forma as principais versões de democracia. Em segundo lugar, as interpretações de Engels e Kautsky do pensamento de Marx trouxeram o evolucionismo e o naturalismo para o materialismo histórico. Engels já havia dado o tom no discurso que fez à beira do túmulo de Marx, em que traçou paralelos com Charles Darwin: "Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana". Engels elaborou essa afirmação em suas obras da década de 1880, que Kautsky então completou em seus trabalhos posteriores de popularização (ELEY, 2005, pp. 69-70).

Havia forte relação entre Marx e Darwin nos meios operários no início do século XX, mas Suvarin, por sua vez, era crítico dessas ideias por serem o fundamento de uma concepção de sociedade que agradaria às elites, pois justificaria a dominação. Este pensamento seria a base do que posteriormente viria a ser chamado de darwinismo social.

O final do romance dá um desfecho às principais personagens e dedica as últimas páginas às reflexões de Étienne a respeito da experiência vivida na mina. Destacamos o seguinte trecho:

> Será que Darwin tinha razão: o mundo se tornaria um campo de batalha, com os fortes comendo os fracos para a melhoria e a continuação da espécie? Essa questão o perturbou, mas uma ideia eliminou suas dúvidas: em seu primeiro discurso retomaria a antiga explicação da teoria. Se fosse preciso que uma classe destruísse outra, não seria o povo, cheio de vida, que devoraria a burguesia, enfraquecida com tanto luxo? O sangue novo renovaria a sociedade. Na espera de uma invasão dos bárbaros para regenerar as antigas nações caducas, sua fé numa revolução próxima ressurgia absoluta, a verdadeira revolução, a dos trabalhadores, cuja explosão detonaria o final do século (ZOLA, 2000, p. 235).

É difícil saber se esta interpretação das ideias de Darwin é a de Zola ou a que Zola criou para Étienne. Contudo, a "fé" em uma revolução persiste em Étienne,

projetando para o "fim do século" um novo mundo. "Século", no cristianismo, pode significar o mundo antes da segunda vinda de Cristo; "século", na reflexão de Étienne, pode não ser exatamente o século XIX, mas o mundo "pré-revolucionário". Alguns até poderiam concluir que o "século", neste caso, seria justamente o "longo século XIX" de Hobsbawm, que acabou em 1914, mas que no fundo acabou "mesmo" em 1917[3]. Esta última interpretação, porém, atribuiria poderes premonitórios a Zola, o que certamente não é o caso.

Zola é comumente tido como "revolucionário". Em linhas gerais, suas obras se preocupam com a transformação, o movimento, a passagem de um estado a outro, com uma visão dinâmica da história. Sendo assim, em Zola a história sempre está em transformação e seu tempo é sempre dinâmico (MITTERAND, 1986, p. 88).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. A condição humana. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BORNECQUE, Jacques-Henry. *Realisme et Naturalisme: l'histoire, le doctrine, les oeuvres*. Paris: Hachette, 1958.

Bourdieu, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.* Tradução: Maria Lucia Machado. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. IN: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CHARTIER, Roger & ROCHE, Daniel. "Livro: uma mudança de perspectiva" In: LE GOFF, Jacques. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, PP. 99-115.

_____. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

[3] Hobsbawm ressalta que o "Breve século XX" praticamente coincide com a duração da União Soviética.

_____. *A Ordem dos Livros*: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1999.

_____. Debate Literatura e História. *Revista Topoi. Rio* de Janeiro, nº1, 2000.pg.197-215.

ELEY, Geoff. *: A história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GALISON, Peter. *Os Relógios de Einstein e os Mapas de Poincaré*. Lisboa: Gradiva, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Representação. A palavra, a ideia, a coisa. In: _____. *Olhos de Madeira*. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

_____. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

JOSEPHSON, Matthew. *Zola e seu Tempo*. Rio de Janeiro: Companhia editora Nacional, 1958.

KERN, Stephen. *The culture of time and space (1880-1918)*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

MITTERAND, Henri. *Zola et le Naturalisme*. Paris: Puf, 2002.

MOLLIER, J-Y. "A evolução do sistema editorial francês desde a enciclopédia de Diderot". Livro, São Paulo: Ateliê Editorial, n.1, maio de 2011, PP.61-74.

_____. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). IN:*Revista Anos 90*,Porto Alegre,n°4,

1995,pg.115-127.

Polanyi, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

RABINBACH, Anson. *The human motor: energy, fatigue and the origins of medernity*. Los Angeles: University of California Press, 1990.

THOMPSON, E.P. *Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. In Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol.1.

TROYAT, Henri. *Zola*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

WHITROW, G. J. *O que é tempo? Uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ZOLA, Émile. *Germinal.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.